

# Coluna espaço aberto

## As lições da crise 2

MÁRIO AMATO

A situação está ruim — e nada indica que vá melhorar no curto prazo. Portanto, devemos nos conscientizar de que o esforço de ajustamento deve ser dividido por todos. Uma empresa que se desfaz de uma propriedade para continuar operando no vermelho está em desacordo com a causa que lhe deu origem: gerar lucro. Mas está, também, dando uma inequívoca demonstração de fé no futuro. Da mesma maneira, os trabalhadores devem participar desse esforço, pois algum salário é sempre mais seguro do que a perspectiva do desemprego.



25 NOV 1991

Mas empresários e trabalhadores são apenas dois vértices do triângulo. O governo deve moderar sua fúria tributária e diminuir drasticamente os seus gastos, ou entraremos num dilema de difícil resolução. Estamos chegando a um momento em que os empresários estão sendo obrigados a optar entre pagar impostos ou salários. Se a recessão persistir por um longo período, tudo indica que a arrecadação irá cair bastante, com o aumento generalizado da inadimplência. E o governo, que precisa de recursos para reforçar sua caixa, terá suas contas ainda mais comprometidas.

A política econômica brasileira está no caminho certo. Apesar da recessão e de todas as suas consequências, pela primeira vez, em muito tempo, temos uma direção a seguir. Os agentes econômicos estão convencidos de que não haverá choque — e de que a opção pelo mercado é para valer. Resta perguntar se a dose administrada pelo governo não é excessiva, colocando em risco, não a saúde, mas a vida do paciente. Se for o caso, deveremos compatibilizar esse esforço de cooperação a partir da fábrica — com trabalhadores e empresários lutando para a empresa ficar aberta.

Se necessário, não terei dúvida

alguma em dirigir-me às indústrias de São Paulo — e proponho que comecemos por uma das minhas empresas —, em companhia de líderes sindicais como Vicentinho, Menegheli, Luiz Antônio de Medeiros e Pegado, para examinar, conjuntamente, a real situação das empresas, e o que elas podem fazer para não fechar as suas portas.

Vale tudo para impedir o mal maior, que é a hiperinflação. Quem a viveu sabe que é como uma guerra, jamais se esquece. No dia 5 de cada mês, já não há dinheiro para nada, e a fome, a angústia e a morte rondam cada família.

Sei que é difícil o caminho de uma economia frágil conviver com um governo minoritário no Congresso, justamente a instituição que tem a incumbência de aprovar as leis que transformam em realidade as reformas estruturais necessárias, a fim de que a crise seja debelada de uma vez por todas.

Mas a crise ensina muita coisa. Quando se discutia o Pacto de Moncloa na Espanha, o rei Juan Carlos e o primeiro-ministro Adolfo Suárez mandaram colocar nas paredes das salas onde seriam realizadas as reuniões quadros da Guerra Civil Espanhola, na qual centenas de milhares de pessoas perderam a vida. Todos os participantes, certamente, tinham perdido algum parente ou amigo nessa luta fratricida, e não gostariam de viver o drama outra vez.

A História nos ensina que, quando há cheiro de pólvora, os acordos ficam muito mais fáceis. E é nesses momentos que as pessoas se superam, as empresas inovam para não desaparecer, o trabalhador entende que o emprego é mais importante que o salário e a sociedade como um todo percebe como a solidariedade e a busca de soluções comuns são importantes.

É a hora e a oportunidade de rever crenças, questionar ideologias e mudar atitudes.

■ Mário Amato é presidente da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo Fiesp/Ciesp